

FUTEBOL MODERNO OU MODERNIZAÇÕES NO FUTEBOL: REDES GLOBAIS E A ESTRUTURA DE UMA ECONOMIA POLÍTICA DO FUTEBOL

Modern football or modernization in football: global networks and the structure of a political economy of football

Rodrigo Accioli Almeida

Bacharel, licenciado, mestre e aluno de doutorado no Programa de Pós Graduação em Geografia Humana do Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7774-8100>

rodrigo.almeida@usp.br

Artigo recebido em junho/2024 e aceito em setembro/2024

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo discutir a estrutura esportiva do futebol mundial enquanto uma economia política possibilitada por uma série de redes globais. Esse nem sempre foi o *status* do futebol, sendo necessário discutir as modificações nas esferas social, política, econômica e cultural do Brasil e do mundo nas últimas décadas a partir da noção de modernização, sem que seja uma referência a desenvolvimento ou evolução. Entender as modernizações, a esse trabalho, é observar as mudanças ocorridas na sociedade em termos de suas relações de produção e as técnicas disponíveis. Nesse sentido, falar de modernizações no futebol a partir das últimas décadas do século XX é olhar as mudanças ocorridas dentro da Globalização e a reestruturação financeira e produtiva em escala mundial e nacional, que ocorreu também no campo esportivo. Para tal discussão, é discutida a economia política de futebol a partir do mercado de transferências de jogadores de futebol, sua principal centralidade. Assim, entender este mercado de transferências de jogadores através de sua estruturação e o jogador de futebol enquanto trabalhador e enquanto mercadoria são dois itens importantes na discussão. Há também o levantamento das desregulações e normatizações necessárias para que este mercado pudesse se formar em escala global.

Palavras-chave: Economia política; redes; globalização; futebol; jogadores de futebol.

ABSTRACT

This paper aims to discuss the sporting structure of world football as a political economy made possible by a series of global networks. This has not always been the status of football, and it is necessary to discuss the changes in the social, political, economic and cultural spheres of Brazil and the world in recent decades based on the notion of modernization, without referring to development or evolution. Understanding modernization, in this paper, means observing the changes that have occurred in society in terms of its relations of production and the available techniques. In this sense, talking about modernizations in football since the last decades of the 20th century means looking at the changes that have occurred within Globalization and the financial and productive restructuring on a global and national scale, which also occurred in the sports field. For this discussion, the political economy of football is discussed based on the football player transfer market, its main focus. Thus, understanding this player transfer market through its structuring and the football player as a worker and as a commodity are two important items in the discussion. There is also a survey of the deregulations and standardizations necessary for this market to be formed on a global scale.

Keywords: Political economy; networks; globalization; football; football players.

1. INTRODUÇÃO

“Ódio eterno ao futebol moderno”. Qualquer pessoa que frequente um estádio de futebol já se deparou com esse lema em algum momento de sua experiência em torcer. No geral trata-se de um movimento válido de contestação ao avanço de práticas neoliberais na gestão das entidades esportivas e dos clubes de futebol no Brasil e no mundo. Esse lema inspira a nossa reflexão, uma vez que o incômodo sentido nas arquibancadas não é uma mera futilidade ou elemento estético de uma contestação vazia. Da precificação do espetáculo aos novos modos de se portar nas arquibancadas, é perceptível que mudanças ocorreram no futebol profissional, especialmente no que tange o futebol de homens, e que é necessário refletir, questionar e resistir a muitas dessas mudanças.

De modo a contribuir com a reflexão, o trabalho tem como proposta a observação das transformações no futebol brasileiro através da noção das modernizações a partir de Santos (2004 [1979]), de modo a entender as modificações ocorridas no âmbito do futebol em conjunto com outras transformações ocorridas em diversos âmbitos na escala nacional e global. Embora seja um produto cultural de expressão única (CAMPOS *et al.*, 2010), não é possível entender o futebol sem entender os processos políticos e econômicos a partir dos movimentos da totalidade e das formações socioespaciais (SANTOS, 2014 [1996]), portanto o uso do termo modernizar aqui não significa simplesmente uma nova roupagem ou a mera evolução técnica de um determinado aspecto do futebol.

Ademais, nesse trabalho se parte do princípio de que não há uma mudança total de conteúdo em algo para que seja novo e contrário ao que existia antes, uma oposição total entre o futebol anterior e o futebol dito como moderno. Tanto no fazer geográfico de Santos (2014 [1996]) quanto no método materialista histórico dialético tal como proposto por Engels e Marx (2017 [1932]), entende-se que os eventos que ocorrem nas sociedades são frutos de processos históricos, rejeitando-se assim a ideia de algo novo desconectado ao que já ocorria antes.

Para tal discussão, é necessário entender primeiramente a existência de uma economia política do futebol (MARX, 1977 [1859]) a partir das redes e fluxos globais. Na sequência, o artigo apresenta a noção das modernizações e as põe à luz das modificações ocorridas no futebol em âmbito nacional desde a última década do século XX.

2. REDES GLOBAIS E UMA ECONOMIA POLÍTICA DO FUTEBOL

De modo a elucidar as redes globais específicas ao futebol há que se discutir o que são as redes e suas aplicabilidades nas discussões geográficas. Em uma primeira definição destas, entende-se que

redes são “infraestruturas, permitindo o transporte de matéria, de energia ou de informação, e que se inscrevem sobre um território onde se caracteriza pela topologia de seus pontos de acesso ou pontos terminais” (SANTOS, 2014 [1996], p.176). Em outras palavras, as redes possibilitam elucidar as ligações entre os diversos pontos e qual a materialidade dessas ligações. Assim, o autor apresenta conceito de território em rede, de forma a propor um olhar sobre o território a partir das redes que o constituem, seus nós e ligações mais densos e aqueles cuja densidade é menor. O estudo de redes é importante, pois se há fluxos do Brasil ao exterior em todas as janelas de transferência com capital circulando, é possível entender que esse mercado de jogadores funciona em rede e esta é mundializada. Dessa forma, o entendimento da importância das redes no final do século XX pode ser encontrado em Dias (1995, p.147):

As qualidades de instantaneidade e de simultaneidade das redes de informação emergiram mediante a produção de novas complexidades no processo histórico. Muitas são as complexidades produzidas ao longo do século 20 que redesenharam o mapa do mundo, dos países e das regiões. Processos de múltiplas ordens: de integração produtiva, de integração de mercados, de integração financeira, de integração da informação. Mas processos igualmente de desintegração, de exclusão de vastas superfícies do globo.

Em termos de redes que possibilitam o domínio do mercado sobre o território, Lencioni (2017) diferencia duas redes distintas entre as cidades: a rede de proximidade territorial e a rede de proximidade relativa. A primeira relaciona-se com os fluxos materiais, sendo que conforme a quantidade de fluxos, maior a densidade terá a rede. A segunda está pautada nos fluxos imateriais, como os de fluxos informacionais e de comunicações. A autora salienta que os fluxos imateriais também possuem estruturas materiais, como cabos de conexão. Nas palavras de Lencioni (2017, p.147), “é essa rede de proximidade relativa que estrutura o sistema mundial de cidades e redes”¹².

É possível entender que sem um sistema de redes, nenhuma economia política seria possível. Pensando que a economia política não se restringe às trocas entre indivíduos e entendendo-a tal como Marx (1977 [1859]) enquanto o processo de produção, circulação e consumo das mercadorias. Afinal, se há a necessidade de levar uma mercadoria de um ponto A a um distante ponto B, será necessário todo um aparato logístico para tal deslocamento. A economia política só funciona, em termos espaciais, graças a redes possibilitadas por sistemas técnicos disponíveis em cada momento histórico (SANTOS, 2001).

No caso do futebol, dentro da estrutura “confederação – federações estaduais – clubes – torcedores”, há um processo produtivo distinto ao modelo proposto por Marx (1977 [1859]). Nessa estrutura, os principais produtos à venda são as partidas dos campeonatos e o direito federativo dos jogadores, o que foge totalmente ao pensamento de reprodução do capital via indústria e agropecuária. Sobre as partidas dos campeonatos, há diversos produtos intermediários e consumidores envolvidos. Dentre estes:

- Um primeiro produto seria o direito de transmissão televisiva, dividido em negociações realizadas para televisão aberta, canais de televisão pagos e Internet.
- Um segundo produto seria o espaço publicitário nas placas ao redor do gramado por parte da confederação organizadora da competição.
- Um terceiro produto seria a publicidade exposta nos veículos de comunicação no início, intervalo, término e até durante as partidas.
- Um quarto produto seria aquilo que os clubes chamam de matchday, ou seja, o evento da partida: a venda de artigos do clube, de ingressos, de comes e bebes e outras atrações, o que nos aponta que o futebol agrega uma economia política do signo (BAUDRILLARD, 1979).
- Um quinto produto, pouco visível ao torcedor mais desatento, seria a compra das apólices de seguro para todos os ingressos vendidos ao evento esportivo. Há outros produtos e serviços possíveis como ações de marketing e comunicação do próprio clube, venda de programas de sócio torcedor, terceirização da venda de ingressos, administração da estrutura do estádio tanto durante os jogos quanto em outros eventos.

Como discutido em outras ocasiões (ALMEIDA, 2023) (ALMEIDA *et al.*, 2023), entre os agentes econômicos do mercado de futebol há uma categoria econômica específica aos jogadores de futebol passível de ser valorizada, vendida e exposta através da venda de seus direitos federativos e de seus direitos de imagem. Assim, o valor recebido por um jogador pode conter uma composição diferente da jornada de trabalho em tempo com a mais-valia garantida pelo tempo a mais de trabalho não traduzido em salário (MARX, 1980 [1867]), embora a maioria absoluta dos jogadores de futebol profissionais no Brasil dependam de sua atividade como forma de reprodução da própria força de trabalho (CBF, 2019).

De modo a ajudar a elucidar esse padrão de reprodução do capital através do futebol, entendemos que a discussão acerca da economia política do signo proposta por Baudrillard (1979) tem elementos interessantes, uma vez que põe os signos e a comunicação como fatores importantes na composição do valor de uma mercadoria. Essa maneira de observar a produção de valor através do futebol não seria válida ao futebol como negócio desde o final do século XIX, pois cada sociedade produz suas próprias condições materiais e a sociedade do final do século XX é basicamente permeada pela comunicação.

Assim, é possível pensar em mercadorias distintas que obedecem a lógica de uma economia política do futebol, porém nenhuma tem a centralidade da compra e venda de jogadores de futebol. Na realidade, as modernizações que ocorreram no futebol possibilitaram a formação do mercado de

transferência de jogadores, que é o ponto estrutural da economia política do futebol. Como funciona esse mercado de transferências é algo que temos que nos debruçar.

Segundo o portal jornalístico Transfermarkt (2024), a soma de valores envolvendo as dez maiores transferências de jogadores entre clubes de futebol resulta no valor de €600.070.000,00 ou R\$3.600.420.000,00 quando convertido em moeda brasileira. Portanto, em um espaço de um mês, as maiores movimentações resultadas por 10 clubes criaram fluxos de capital na ordem dos bilhões de reais. Essa é a escala de valores e a importância deste mercado, pois há significância destas transações até no valor do produto interno bruto, pois elencos dos clubes com maior capacidade financeira tornam-se *locus* de somas vultuosas.

Com o uso das tabelas de valores de transferências do próprio Transfermarkt (2024), é possível apontar exemplos de somas vultuosas envolvendo elencos de clubes de futebol. Real Madrid (ESP) e Bayern München (ALE) e os ingleses Arsenal, Chelsea e Manchester City possuem elencos avaliados acima de 1 bilhão de euros, sendo o maior valor do clube de Manchester com a soma de €1.370.000.000,00, o que representam R\$7.466.500.000,00 em valores no Brasil. É notório que esse seja um fenômeno europeu, pois o valor acumulado de mercado de todos os jogadores nos clubes da Liga Profesional de Fútbol, a primeira divisão do futebol profissional da Argentina, seleção atualmente campeã do mundo, resulta em €999.000.000,00.

Aliás, aí está algo importante: há escalas de valores que variam conforme o país, a região, a divisão nacional e o clube ao qual o jogador está inserido. Da mesma forma, muitos jogadores que não são titulares de suas equipes ou jovens que se profissionalizam aos 18 anos, porém são descartados dos elencos de primeira divisão não terão os mesmos valores de grandes jogadores. Inclusive, a profissão de analista de mercado no futebol, ao contrário do realizado laboralmente por um analista de mercado de outras searas, visa entender mais o desenvolvimento esportivo de um atleta em sua posição tática a saber sobre especulação financeira, investimentos e afins.

Isso se converte também nas diferenças salariais encontradas na profissão. O Relatório de Impacto Econômico da Confederação Brasileira de Futebol (2018) nos mostra que a maioria dos jogadores de futebol profissionais no Brasil recebe aproximadamente 1 salário mínimo mensal, o que significava R\$ 950,00 à época. Portanto, dentro da estrutura do futebol, salários milionários são a exceção e não a regra. Sugerimos, inclusive, uma categorização dos jogadores de futebol conforme o acúmulo possível em seus salários.

Primeiramente, há uma classe de jogadores que superam a condição de trabalhador, vendedor de sua força de trabalho, para atuar enquanto uma firma e, em casos mais extremos, serem corporações globais. A revista Exame (2024) aponta que o patrimônio de Cristiano Ronaldo, Beckham, Lionel Messi e Neymar Júnior acumulado chega a mais de US\$ 1 bilhão, correspondente

a R\$ 5,46 bilhões em julho/2024. Destes, apenas David Beckham está aposentando, estando Cristiano Ronaldo, Lionel Messi e Neymar Júnior em atividade. Não há neste trabalho nenhuma ilusão sobre a capacidade individual acumular valores tão altos apenas com a venda da força de trabalho. Na lista brasileira da Forbes (2024) de bilionários, o primeiro lugar é ocupado por Eduardo Saverin, cujo patrimônio é calculado em US\$ 28 bilhões, portanto, patrimônios de 1 bilhão de dólares os colocam em nível de burguesia nacional. Os salários deste patamar de jogador normalmente passam de R\$ 10 milhões por ano, alcançando centenas de milhões. Assim, há a possibilidade de diversificação em diversas atividades financeiras e produtivas, tais como o mercado imobiliário, fundos de investimento, acordos com multinacionais para produtos próprios, venda da imagem para veículos de comunicação, dentre outras formas.

Há uma especialidade em termos deste tipo de jogador: os clubes de futebol com essa capacidade de movimentação financeira são poucos, pois são os clubes de abrangência global, cuja intencionalidade se vincula a venda de produtos ou de atrelar a imagem do clube à deste jogador ou clubes financiados por fundos soberanos com intencionalidades que recaem sobre práticas de *soft power* (ALMEIDA *et al.*, 2023). No primeiro caso, esses clubes são da Espanha (Real Madrid, Barcelona e Atlético de Madrid), Inglaterra (basicamente os 20 da primeira divisão, com ênfase Liverpool, Manchester City, Manchester United, Chelsea, Arsenal, Tottenham Hotspurs e Newcastle United), Alemanha (Bayern München, RB Leipzig, Borussia Dortmund), França (Paris Saint-Germain, Olympique de Marselha e Olympique Lyonnais) e Itália (Juventus, Internazionale de Milão, Milan e Roma) ou das primeiras divisões de Emirados Árabes Unidos, Catar e Arábia Saudita. É possível dizer que os titulares dos times supracitados comumente têm seus contratos formalizados por motivações que estão no campo esportivo, porém se ampliam com possibilidades comerciais e financeiras. Em termos esportivos, são os jogadores que têm trajetórias em suas seleções nacionais, tendo relevância em competições como a Conmebol Copa América, UEFA Eurocopa, Copa das Nações Africanas e a Copa do Mundo FIFA.

Nem todo jogador de futebol que chegará às principais ligas tornar-se-á uma firma, pois os salários milionários são para uma parcela menor mesmo dentro dos elencos dos clubes. Esses outros jogadores acumulam o suficiente para tornarem-se independentes da venda de sua força de trabalho com algum tempo de titularidade. No contexto europeu, esses jogadores terão uma possibilidade de abertura de empresas e de investimentos maior por conta dos salários variando até R\$ 10 milhões anuais, enquanto essa condição no Brasil é para os jogadores indispensáveis dos clubes da Primeira Divisão, em especial de Flamengo, Palmeiras, Atlético Mineiro e São Paulo.

Segundo o Footystats (2024), o Campeonato Brasileiro da Série A tem como média salarial anual 404 mil euros, aproximadamente R\$ 2.393.534,36 ou US\$ 438.360,20 em 12 meses resultando

em R\$ 199.461,16. Esse valor é 100 vezes maior ao salário-mínimo vigente no Brasil em 2024, cujo valor é de R\$ 1412, sendo que o Dieese (2024) coloca em R\$ 6995,44 o valor ideal de salário-mínimo para o sustento do trabalhador e de sua família a partir da Pesquisa Nacional de Preços da Cesta-Básica. Portanto, um trabalhador com 40 anos de carreira, ganhando o salário-mínimo vigente, acumularia em toda a sua vida R\$ 677.760,00 sem cometer um deslize que seja em gastos e um jogador de futebol da Série A em média demoraria 3 meses para receber a mesma quantia nas mesmas condições de não ter nenhum gasto realizado.

A Série C do Campeonato Brasileiro nos apresenta o limiar entre essa condição de salários possíveis de acumulação para salários para a simples reprodução da força de trabalho. Em 2023[4], o Tombense tinha uma folha salarial de R\$ 1,2 milhão de reais mensais, o que já o colocava como uma folha de salário alta até ao padrão da Série B, com o salário médio sendo R\$ 40 mil por mês. A folha salarial do Confiança é de R\$ 400 mil mensais e é a 12^a maior, sendo que a 4 posições abaixo o EC São José tinha vencimentos salariais de R\$ 250 mil com salário médio de R\$ 8,3 mil por mês. Jogadores nas condições do Confiança e, mais ainda, na condição do São José, formam o último estrato dentre os jogadores de futebol.

Este é o estrato mais numeroso, uma vez que no Brasil a Série C ainda é uma categoria que ainda está dentro dos 10% dos clubes nacionais com maior aporte de patrocínio, direitos de transmissão e imagem. O salário médio abaixa até valores próximos do salário-mínimo. Esses jogadores necessariamente precisam da venda da força de trabalho para se sustentarem, sendo que mesmo o salário médio de um clube como o Confiança passa uma falsa sensação de segurança, pois se o jogador se mantiver ganhando R\$ 12 mil por mês durante 20 anos de seu tempo de trabalho, se aposentará aos 38 anos e a quantia acumulada será insuficiente para o restante da vida. Portanto, é bem provável que esse profissional necessitará do exercício de uma outra profissão para dar prosseguimento ao seu período economicamente ativo.

Dessa forma, a economia política do futebol envolve uma divisão internacional e uma divisão territorial do trabalho (MARX, 1980 [1891]), onde há lugares centrais, como as principais ligas do continente europeu e onde há locais periféricos, como as ligas de Brasil e Argentina. Além disso, nota-se a diferença de valores entre os jogadores que alcançam as ligas principais em relação ao restante da estrutura do futebol profissional de homens.

3. MODERNIZAÇÕES E A FORMAÇÃO DA ECONOMIA POLÍTICA ATUAL DO FUTEBOL

Santos (2004 [1979]) descreve as modernizações enquanto mudanças nas esferas sociais, políticas, econômicas e culturais de uma sociedade sem qualquer sentido evolucionista ou de um teor

que evoque progresso. Cada modernização, ao autor, aponta um período com técnicas e relações sociais, políticas, econômicas e culturais próprias.

Como dito na introdução deste artigo, as modernizações são uma noção importante para entender mudanças para além do evento ou do fenômeno estudado. No caso, as modernizações que ocorrem no futebol estão relacionadas com as dinâmicas globais ocorridas com a crise do fordismo, o avanço da financeirização e a formação do meio técnico-científico-informacional, iniciando o período que chamamos de Globalização (SANTOS, 2001).

A Globalização alterou de maneira significativa a dinâmica das empresas e dos fluxos financeiros, sendo necessária uma reestruturação normativa para que mercados se tornassem abertos ao capital estrangeiro (BELLUZZO; GALÍPOLO, 2007) (CHESNAIS, 2005) (SANTOS, 2001). Essa abertura de novos mercados também se deu no futebol com a formação do mercado de transferências de jogadores e a internacionalização das transmissões das principais competições da Europa e da Copa do Mundo de Futebol. Portanto, entendemos a globalização como fase última da mundialização de capitais.

Segundo Belluzzo e Galípolo (2017), a globalização provocou uma revolução na estrutura econômica mundial através da reorganização da estrutura produtiva, de ondas de fusões e a consequente centralização da propriedade. Nesse contexto, os autores apontam que 36% das empresas correspondem a 95% das receitas operacionais. A mundialização financeira vai constituir-se numa configuração paradoxal, em favor dos países dotados de praças financeiras (CHESNAIS, 2005). Assim, é possível entender que a mundialização financeira não se deu sem hierarquia em escala global, como talvez em algum discurso fosse possível pensar. Esse mercado global tem centros de decisão e seus principais fluxos têm maior densidade nos países centrais. Isso em muito remete à discussão sobre futebol, uma vez que as mudanças ocorridas e as medidas liberalizantes no futebol no Brasil e na Europa se dão justamente durante as décadas postas por Chesnais (2005) e Belluzzo e Galipolo (2017) como décadas de mundialização e desregulação dos mercados nacionais.

Sobre globalização, é, “de certa forma, o ápice do processo de internacionalização do mundo capitalista” (SANTOS, 2001, p. 25). Ela é também o resultado das ações que asseguram a “emergência de um mercado global, responsável pelo essencial dos processos políticos atualmente eficazes” (SANTOS, 2001, p. 26). A competitividade, diz o autor, é a forma na qual sempre se busca maior liquidez e fluidez, tornando-se assim uma competição para além das empresas, tomando também os lugares e as relações pessoais. Nesse mercado mundializado e financeirizado, as principais características do sistema financeiro internacional são: sua escala e complexidade, velocidade e função especulativa (MARTIN *et al.*, 2010). Pensando nas escalas internacionais da financeirização mundializada, Harvey (2010, p. 113) diz que:

Esse processo [de financeirização mundializada] não ocorre sem potenciais complicações. Destarte, há o ato de presumir que todas as outras barreiras (como a relação com a natureza) foram superadas e há mais espaço para aumentar a produção. Isso implica que o imperialismo teve que mudar de uma forma de roubar valores e remover ativos do restante do mundo para o uso do restante do mundo como área de criação de novas formas de produção capitalista.

Em termos da discussão de globalização, divisão territorial do trabalho e futebol, é importante a noção trazida pelo conceito de circuito espacial da produção e circuitos de cooperação, pois há um distanciamento cada vez maior entre os locais de produção e os locais de consumo (CASTILLO, 2010). No futebol, é possível entender que as verticalidades trouxeram uma lógica de distanciamento entre o lugar de formação do jogador e o país no qual irá trabalhar. Assim, os jogadores das bases dos clubes servem a lugares distantes, sejam os jogadores de clubes menores em direção aos clubes de maior expressão esportiva ou os jogadores em direção ao exterior. Segundo esse autor, o termo "produtivo", por sua vez, advém da análise centrada no "ramo", envolvendo uma gama variada de agentes, sobretudo as firmas (CASTILLO, 2010, p. 464).

Sobre circuitos de cooperação, estes são importantes por articularem diversos agentes e lugares participantes do circuito espacial da produção. Os círculos de cooperação são essenciais por permitirem colocar em conexão as diversas etapas, especialmente separadas, da produção, articulando os diversos agentes e lugares que compõem o circuito espacial da produção.

Havia a necessidade de uma modificação em termos normativos para o futebol ser global. Segundo Giulianotti (1994), o futebol europeu passava por um processo de mudanças estruturais condizentes ao neoliberalismo econômico daquele período. Desregulações para facilitar a criação de produtos, a arenização dos estádios para uma nova gama de consumo e a modificação de competições como as antigas *Premiership* inglesa e Copa dos Campeões da Europa são exemplos dessas modificações.

Nicolau (2017) diz que nesse período havia disputas entre a Comissão Europeia e as federações sobre as cotas de nacionalidade de jogadores. O acordo vigente, segundo o autor, era de 3 jogadores extracomunitários e 2 jogadores assimilados por clubes, o que tornava a mobilidade dos investimentos sobre jogadores restritos aos mercados nacionais. O caso Bosman foi o pivô jurídico para a queda dessas barreiras e o aumento da circulação de jogadores e de investimentos, o que se pode descrever como o surgimento do mercado de transferências de jogadores tal como se conhece na atualidade.

O caso envolvendo o atleta belga Jean-Marc Bosman ocorreu pelo fim do contrato do jogador com o Liège, que tentou uma renovação com redução drástica no salário e causou a recusa do jogador. Por conta disso, o belga tentou uma transferência ao Dunkerque, clube francês, porém não logrou a transferência porque embora sem contrato, o Liège ainda pleiteava o recebimento de uma quantia para sua liberação. Bosman viu-se obrigado a entrar com ação visando sua liberação de qualquer

vínculo de trabalho com o Liège e a possibilidade de formalizar contrato com o Dunkerque alegando que a partir dos artigos 48, 85 e 86 do Tratado de Roma de 1957, que garante a mobilidade da força de trabalho dentro da Comunidade Econômica Europeia. O Tribunal Europeu aceitou o pedido de Bosman, apontando que nesse caso a *lex sportiva* não poderia se sobrepor às leis da CEE, tornando o caso um evento de aumento significativo na quantidade de transferências de jogadores de futebol na Europa.

A partir daí, as desregulações em termos da quantidade de estrangeiros foi evoluindo significativamente (DAMO, 2000), o que resultou na estruturação de um mercado de compra e venda de direitos federativos de jogadores regulado pela FIFA a partir da década de 2000. No caso brasileiro, ao observarmos as escalas da Seleção às Copas do Mundo, é inegável que o processo de “internacionalização” das convocações cresceu a ponto de 2002 ser a última Copa com um número equilibrado entre atletas convocados atuando no Brasil e atletas convocados atuando no exterior, especialmente na Europa. A partir de 2006, o grosso dos jogadores convocados ao torneio tem sido de jogadores atuando em ligas do Velho Continente, caso verificado também nas outras seleções campeãs do mundo não-europeias, casos de Uruguai e Argentina.

Em sua tese de doutorado, Damo (2000) mostra como a partir de Bosman as categorias de base dos clubes brasileiros se moldam ao mercado exterior. A expectativa muda: se antes o clube formava o jogador para desempenhar em alto rendimento dentro da própria liga, a partir dos anos 1990 há a possibilidade da venda do jogador ao estrangeiro. Com o enfraquecimento da moeda brasileira frente ao dólar a partir dos anos 2000, houve o barateamento do jogador brasileiro aos estrangeiros, pois os custos de “valorização desse ativo” eram todos os em reais, enquanto o mercado internacional operava em dólares e euros, moedas mais fortes em relação à brasileira. Ronaldinho Gaúcho, Zé Roberto, Kaká, Robinho, Dida e Lúcio são alguns exemplos de atletas da virada do século XX ao século XXI cujas carreiras foram mais longas e prósperas no exterior, inaugurando um período onde tornou-se costumeira essa situação, casos de Neymar Jr., Vinícius Jr., Anthony, Rodrygo e tantos outros jovens atletas brasileiros atuando no exterior.

Sobre as normatizações do mercado de futebol, é importante salientar o monopólio da FIFA sobre toda a atividade profissional do futebol. Em qualquer país do mundo, a regulamentação sobre o futebol profissional está sob a égide da FIFA (DAMO, 2000). É impossível exercer a atividade de futebol profissional sem o aval da organização máxima do futebol, de caráter privado, cuja sede é em Zurique (Suíça). O “*Regulations on the Status and Transfer of Players*” (Regulamentações sobre o Status e a Transferência de Jogadores, versão de 2021) é o documento a ser seguido por todas as confederações nacionais e federações estaduais para a inscrição de atletas amadores (abaixo dos 18

anos de idade) e profissionais (a partir dos 18 anos, quando pode assinar um contrato de no máximo 4 anos de duração). É interessante notar a centralidade que o RSTP assume dentro desse mercado.

A FIFA controla e normatiza todo o processo de aproximação entre as partes para a negociação entre clubes e entre jogadores e clubes. Nesse documento, é posto o que cada parte pode fazer durante a negociação, os mecanismos financeiros (tais como o mecanismo de solidariedade) envolvidos, o período para a transferência e o período de possibilidade de aproximações para pré-contrato. É um controle para além do campo de jogo, estendido ao campo das negociações de um mercado bilionário, o que torna palpável um olhar sobre a FIFA não apenas como uma entidade privada monopolizadora de uma atividade esportiva profissional e amadora, senão como uma organização supranacional com um número de membros filiados maior em relação à Organização das Nações Unidas. Assim, jogadores, intermediários, informações e capital circulam por todo o globo dentro do modelo associativo da FIFA com suas regras valendo aos membros filiados a uma federação estadual brasileira, a um clube pertencente à federação togolesa de futebol e ao atual campeão europeu Real Madrid.

A partir de Bosman, Nicolau (2017) aponta que as decisões sobre nacionalidade esportiva dentro da “*lex FIFA*” vão ampliando o direito de livre-circulação até a membros que tenham acordos com a Comunidade Europeia, o que ampliou a possibilidade de muitos jogadores atuarem em clubes da comunidade sem serem considerados estrangeiros. Aliás, a possibilidade do momento de escolha da nacionalidade esportiva, segundo o autor, foi modificada duas vezes na década de 2000, sendo a última em 2009, de modo ao qual um jogador só tem sua nacionalidade esportiva definitiva ao disputar uma partida por uma seleção nacional principal em partida válida pela FIFA. Isso aponta a reverberação de leis e casos europeus se tornam, a partir da FIFA, regras para todo o mercado global de futebol. Aliás, a Lei Geral do Esporte brasileira já se pauta nas decisões internacionais do TAS e das resoluções da FIFA e do Comitê Olímpico Internacional, o que nos mostra que há aceitação das normas internacionais por parte da lei estatal brasileira atual.

Aliás, é necessário frisar que no Brasil o principal efeito de Bosman foi a Lei Pelé de 1998, até hoje a lei de referência para a atividade amadora e profissional esportiva, inclusive com a extinção da Lei do Passe dos tempos da Ditadura Militar. Desse momento em diante, os clubes brasileiros entraram nesse circuito espacial produtivo globalizado do futebol. Com menor poder econômico e moeda mais fraca, o que tem se verificado é a já relatada perda de grandes jogadores ao exterior de maneira cada vez mais precoce, sendo então a adequação do Brasil como um mercado periférico do futebol mundial em relação às grandes ligas europeias (Inglaterra, Espanha, Alemanha, Itália e França).

Com esses elementos, elucida-se a abertura normativa como forma de aumento dos fluxos de transferências primeiramente em uma etapa regional europeia para a posteriori, tornar-se global. Outro ponto interessante de se pensar em modernizações é a questão de toda modernização ter um polo gerador e uma área de ser abrangida. No caso das modernizações relacionadas ao mercado de transferências de jogadores, a área polo foi a União Europeia e a área abrangida foram os continentes americano, asiático e africano. Enquanto área polo, a União Europeia teve a vanguarda de todo o processo, assim como sua capacidade de centralização de capital dentro da economia globalizada possibilitou o posicionamento de vanguarda.

As modernizações então englobam as modificações que geraram a globalização, o meio técnico-científico-informacional a partir dos grandes centros do capitalismo. A mesma Margareth Thatcher responsável pela adesão de políticas neoliberais no Reino Unido foi a governante das modificações que modificaram a estrutura do futebol inglês em um modelo capaz de acumulação em níveis acima aos anteriores (GIULIANOTTI, 1994). Aliás, é interessante a observação das mudanças na paisagem enquanto atestado dessas modernizações: os antigos estádios foram paulatinamente transformados em arenas.

De modo a entender as diferenças entre um estádio e uma arena, trazemos aqui as reflexões de Mascarenhas (2014). O autor vai mostrar que a diferença entre as arenas e os estádios antigos está na função de sua estrutura: os estádios agregavam uma multidão em espaços abertos, as arquibancadas, cujo torcer era o principal intuito da ida do indivíduo àquele lugar. O oposto ocorre nas arenas, sem espaços abertos por conta colocação de assentos, onde o lugar marcado, os corredores com lojas e serviços tornam o estádio um espaço típico a um novo indivíduo: o consumidor (MASCARENHAS, 2014).

Durante a década de 1990, a arenização transformou antigos estádios de futebol da Inglaterra em arenas, exemplificados aqui como Stamford Bridge em Londres, Anfield Road em Liverpool e resultou na década seguinte na substituição de outros estádios por novos equipamentos, como a saída do Arsenal de Highbury para o Emirates Stadium e a saída do Manchester City de sua histórica casa Maine Road para o atual Etihad Stadium. No caso dos dois últimos casos supracitados, também é interessante a venda dos nomes dos estádios a empresas por questões de *marketing*, prática que ocorre no Brasil desde 2006 com a venda dos direitos de nome da Arena da Baixada do Athletico Paranaense à fabricante de aparelhos eletrônicos Kyocera em um contrato de 3 anos.

O mercado do futebol tornou-se um paradigma atualmente. Em jogos eletrônicos como Football Manager e FC 2024, é comum que uma parte significativa de emular o funcionamento de um clube de futebol gire em torno da experiência de negociar jogadores de futebol tanto em compra, quanto em venda e empréstimos nos moldes estabelecidos pela FIFA. Além disso, grandes meios de

comunicação especializadas no noticiário esportivo, como o Globoesporte.com, têm reportagens e entradas exclusivas do “mercado da bola” durante as janelas de transferências do início e do meio do ano.

Na esteira das estruturas físicas, houve a transformação do campeonato inglês em uma liga privada criada pelos clubes da primeira divisão e a abertura de capital de alguns clubes de futebol específicos na bolsa de valores, caso do Manchester United (GIULIANOTTI, 1994). A mudança em termos normativos apenas seguiu a esteira daquilo que se iniciava na Inglaterra, se espalhava pelo continente europeu e, em pouco tempo, chegaria aos demais países do mundo. Começaria, assim, o período modernizado do futebol mundial.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O futebol cada vez mais é inserido nas lógicas de mercado, o que o torna financeirizado e globalizado em níveis substancialmente maiores. As problemáticas atuais que envolvem o futebol profissional masculino partem desse ponto específico e não podem ser naturalizados enquanto uma estrutura que sempre funcionou dessa forma em todo o processo de disseminação e prática futebolística mundial, assim como também não se tratam de elementos que não existiam previamente e estão totalmente em desacordo com o futebol existente previamente. Nem o primeiro, nem o segundo.

Na realidade, o futebol sempre foi um esporte que desde o final do século XIX esteve ligado aos ideais da sociedade burguesa (AGOSTINO, 2012) e, portanto, está intrinsecamente ligado à busca de lucro. As modernizações nos ajudam a entender esses processos de mudança dentro de relações de produção pré-existentes e, especificamente ao futebol, essa modificação está na produção de uma estrutura globalizada antes não existente. Foi a Globalização o fator chave para a formação da economia política do futebol tal qual conhecemos hoje, assim como o meio técnico-científico-informacional possibilita as trocas de informação e valores necessários para o funcionamento deste mercado.

REFERÊNCIAS

- AGLIETTA, M. Concentración y centralización del capital. In: AGOSTINO, G. **Regulación y crisis del capitalismo**. México: Veintiuno Editores, 1986.
- ALMEIDA, R. A. Globalização e futebol: o mercado mundial de transferência de jogadores e a questão centro-periferia no Brasil. **Boletim Campineiro de Geografia**, v. 13, n. 1, p. 47-62, 2023.
- ALMEIDA, R. A.; PEREIRA, A. S. A. Ousadia e alegria: sportswashing e soft power do Catar através do futebol. **Revista do Departamento de Geografia**, São Paulo, Brasil, v. 42, p. e203554. 2022.

BAUDRILLARD, J. Para uma crítica da economia política do signo. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1979. 280p.

BELLUZZO, L., GALÍPOLO, G. **Manda quem pode, obedece quem tem juízo.** São Paulo, Contracorrente, 2017. 224p.

CAMPOS, F.; MORAES, J. G. Como o Brasil entra em campo. **Revista de História: Dossiê História e Futebol**, v. 30, p. 129-139, 2010.

CAPELO, R.; FERNANDEZ, M. Saem clubes entram empresas: entenda o que pode mudar no futebol brasileiro ainda em 2019. Disponível em: <<https://globoesporte.globo.com/futebol/noticia>>. Acesso em: 25 jul. 2020.

CASTILLO, R.; FEDERICO, S. Espaço geográfico, produção e movimento: uma reflexão sobre o conceito de circuito espacial produtivo. **Revista Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v. 3, n. 22, p. 461-474, 2010.

CHESNAIS, F. O capital portador de juros: acumulação, internacionalização, efeitos econômicos e políticos. In: CHESNAIS, F. (Org.). **A finança mundializada: raízes sociais e políticas, configuração, consequências.** São Paulo: Boitempo, 2005b.

DAMO, A. **Do Dom a Profissão:** Uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. 2005. 435 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

DIAS, L. C. (1995). Redes: emergência e organização. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORREA, R. L. (Org.). **Geografia: conceitos e temas.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

ENGELS, F.; MARX, K. **A ideologia alemã:** crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas. São Paulo: Boitempo Editorial, 2018. 616p.

FRANCO JÚNIOR, H. **A dança dos deuses:** futebol, cultura e sociedade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GIULIANOTTI, R. Social identity and public order: political and academic discourses on football violence. In: GIULIANOTTI, R.; BONNEY, N.; HEPWORTH, M. **Football, violence and social identity.** London: Routledge, 1994.

GONÇALVES, G. **A produção espetacular do espaço:** as cidades como cenário da Copa do Mundo de 2014. 170 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

HARVEY, D. **The enigma of capital.** Nova Iorque: Oxford University Press, 2010. 238p.

HUCK, H. M. *Lex mercatoria* - horizonte e fronteira do comércio internacional. **Revista da Faculdade de Direito da USP**, São Paulo, v. 87, p. 213-235, 1992.

LEFEBVRE, H. **A revolução urbana.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999. 178p.

LENCIONI, S. **Metrópole, Metropolização e Regionalização.** São Paulo: Editora Consequência, 2017.

MARX, K. **Contribuição à crítica da economia política**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1977.

_____. **O Capital**: crítica da economia política. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1980.

MARTIN, R. BOSCHMA, R. **The evolutionary handbook of economic geography**. Cheltenham (RUN): Edward Elgar Publishing Limited, 2010. 576p.

MASCARENHAS, G. **A Bola nas Redes e o Enredo do Lugar: uma geografia do futebol e de seu advento no Rio Grande do Sul**. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

_____. **Entradas e Bandeiras**: a conquista do Brasil pelo futebol. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014. 256p.

NICOLAU, J. E. B. **Direito Internacional Privado do Esporte: estudos sobre uma disciplina em construção**. 2017. Tese (Doutorado em Direito) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2017.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. São Paulo: Edusp, 2014. 392p.

_____. **Por uma nova globalização**: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001. 176p.

_____. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Nobel, 1988. 136p.

SANTOS, R. **Entre rivais**: futebol, racismo e modernidade no Rio de Janeiro e em Buenos Aires (1897-1924). Rio de Janeiro: Mauad X Editora, 2012b;

SANTOS, M. SILVEIRA, M. L. **O Brasil**: território e sociedade no século XXI. Rio de Janeiro: Record, 2014. 476p.

FONTES ELETRÔNICAS

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL. **Relatório do Impacto do Futebol Brasileiro na Economia**. Disponível em: https://conteudo.cbf.com.br/cdn/201912/20191213172843_346.pdf, 2019. Acesso em: 05 ago. 2024.

DIEESE. **Pesquisa nacional da cesta básica de alimentos**. São Paulo; 2024. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/analisecestabasica/salarioMinimo.html>. Acesso em: 01 jul. 2024.

Eduardo Saverin é o brasileiro mais rico do mundo. **Revista Forbes**. Forbes Money. Redação. 2024. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbes-money/2024/04/eduardo-saverin-e-o-brasileiro-mais-rico-de-2024-segundo-a-forbes/>. Acesso em: 01 jul. 2024.

FOOTYSTATS. **Estatísticas da Série A do Campeonato Brasileiro**. 2024. Disponível em: <https://footystats.org/pt/brazil/serie-a>. Acesso em: 01 jul. 2024.

GATTI, R. **Ranking das folhas salariais dos clubes da Série C do Campeonato Brasileiro**. Portal Marcou no Esporte. Florianópolis: 17 de abril de 2024. Disponível em:

<https://www.marcounoesporte.com.br/ranking-das-folhas-salariais-dos-clubes-da-serie/>. Acesso em: 01 jul. 2024.

FEDERATION INTERNATIONALE DE FOOTBALL ASSOCIATION (FIFA). **Regulations on the Status and Transfer of Players**, 2020. Disponível em: <[http:// https://www.fifa.com/who-we-are/official-documents/#](http://https://www.fifa.com/who-we-are/official-documents/#)>. Acesso em: 05 ago. 2020.

OMENA, M. Golfista americano ultrapassa Messi no ranking dos atletas mais bem pagos do mundo. **Revista Exame**. Esporte. 2024. Disponível em: <https://www.marcounoesporte.com.br/ranking-das-folhas-salariais-dos-clubes-da-serie-c-do-campeonato-brasileiro/>. Acesso em: 01 jul. 2024.

Qual a folha salarial de cada clube na Série B 2023. Portal Brasileirão Série B. 2024. Disponível em: <https://brasileiraoserieb.com.br/qual-foi-a-folha-salarial-de-cada-time-da-serie-b-2023/>. Acesso em: 01 jul. 2024.

TRANSFERMARKT. **Valor de mercado**. 2024. Disponível em: <https://www.transfermarkt.com.br/>. Acesso em: 01 jul. 2024.